

TEMA: Introdução à Bíblia

TEXTO: (Toda Bíblia)

Introdução à Bíblia

Índice

Introdução

1. O que chamamos de Bíblia
2. A Bíblia
3. O que é a Bíblia
4. Os manuscritos
5. Os manuscritos Hebraicos
6. Para entender a Bíblia
7. A linguagem da Bíblia
8. A Bíblia e seus autores
9. A profecia
10. A história Judaica entre - novo e o velho testamento
11. Últimos grandes impérios
12. Traduções
13. A divisão dos livros
14. O Canon das escrituras
15. A divisão da nossa Bíblia
16. Os livros Apócrifos

Conclusão

Introdução

Como o povo de Deus tem uma tarefa a cumprir neste mundo e conseqüentemente a necessidade de conhecermos cada vez mais a nossa **Bíblia**, o seu mundo e a sua origem. Através da história vemos que o povo teve a mais variadas lutas com os mais diversos inimigos. Uma introdução à **Bíblia** nos capacitará melhor, para sabermos como lidar com o inimigo e como desenvolver de forma aprimorada o nosso chamado.

A nossa **Bíblia** nos dá como ponto de partida o Gênesis, que é o livro dos inícios, não apenas relatando a origem do “kosmos” físico (mundo), como o começo da raça humana, o pecado e a redenção. Mas também inclui o surgimento de todas as introduções e relações sociais humanas, concluindo com o Apocalipse, que emerge no meio das perseguições, mostrando assim uma atitude mais relativa contra Roma, do que com o resto dos povos do novo testamento.

Sabemos o início e o fim da **Bíblia**, como também sabemos, que não se pode desvincular o velho do novo testamento. Para nós, isso é possível, os ambos testamentos são inspirados por Deus e merecem nossa igual atenção.

Quando falamos de **Bíblia**, falamos de uma **coleção de livros**. Uma **biblioteca**, era o que bíblia representava para os Judeus. Essa biblioteca foi escrita primeiramente em pedra. (as pedras da Lei), depois em papiro (papiro é uma espécie de papel rudimentar, feito de folha extraída do rio Nilo, uma vez prensada servia como folha). Mais tarde, esta técnica do papiro se aprimora e aparecem os rolos de papiro. Depois disto, no século terceiro e quarto d.C., aparece o pergaminho (que era feito de couro de animal curtido até ficar bem macio e era deixado numa espécie de cal para que ficasse branco, servindo como papel). Media uns 7 metros de comprimento; quando colocados ou costurados chegava a medir 20 metros.

A **Bíblia** como livro escrito aparece tardiamente na História, porém como livro oral é muito antigo. Oral (foi a forma muito usada pelos israelitas nos seus primeiros séculos de existência como nação, a palavra era muito significativa e se tornara posteriormente o que chamamos de livro hoje). Com Moisés se inicia na lei escrita, porém a oral, que já existia, continuou, ainda no tempo de Moisés.

Antes de Moisés não existia registro de livros inspirados e sim registros orais inspirados. Com isto, queremos dizer que existiram homens ungidos por Deus, homens que tinham andado de acordo com a sua vontade. Exemplo destes foram: Enoque, Noé, Abraão, Jacó, etc., os quais segundo a bíblia tinham constantemente encontros com Deus, porém não foram inspirados a escreverem a Palavra de Deus.

1. O que chamamos “Bíblia”

A Palavra **Bíblia** passou por grandes mudanças. **“Bíblos”**, era um nome de uma antiga cidade Finícia, famosa pela exportação de papiros. Deste nome se originou a palavra “Bíblon”, (livros), mais “tarde” **TA BÍBLIA**, os livros por excelência. O plural grego que determinava bíblia, transformou-se no latim posterior em nome feminino, singular, “Bíblia”, o livro, e neste sentido foi transmitido para todas as línguas modernas. Mas o conceito vem do Hebraico “SFARAIM”, empregado pela primeira vez em Dn.9:2 “...Eu Daniel, entendi pelos livros...”, os judeus que falavam em grego, traduziam **TA BÍBLIA** “, designando com este termo os livros canonizados como escritos sagrados do povo Judeu, depois foi a igreja que chama tanto o Novo como o Antigo Testamento da” **TA BÍBLIA** “. **Por volta do século segundo II d.C., os cristãos usavam a palavra “bíblos” para designar seus escritos sagrados.**” (Introdução Bíblica – Editora Vida – pág. 5 – Norman Geisler e William Nix).

2. A Bíblia

O ser humano conduzido apenas pela consciência, ainda que foi por muito tempo, não houve muito avanço na sua redenção. Porém, Deus não parou por ali com o seu plano de redimir a humanidade, procurou outro meio para conduzir o homem, agora lhe entregava a lei. Neste novo caminho com a lei de Deus, o primeiro ato foi chamar um homem, que através dele iniciaria o plano de redenção, este foi Abraão (Gn.12:1-13), também foi mudado o seu nome (Gn.12:5), constituindo-o, Deus, como líder sobre o seu povo e das gerações futuras.

Desde Abraão passaram várias gerações (aproximadamente de 500 anos) até que a lei propriamente dita viesse a ser iniciada, e foi com Moisés no Monte Sinai, no recebimento das **Tábuas da Lei escritas por Deus**. O povo que foi crescendo e passou a viver separado dos outros povos que existiam na Terra (não se misturaram), pois tinham um só Deus, que estaria com eles em todo os momentos.

Os primeiros escritos da Bíblia foram os 10 mandamentos (as pedras da lei), logo temos as leis Humanitárias e sanitárias (código de Leis) e posteriormente os relatos da criação, promessas e profecias, tudo isto, com exceção dos 10 mandamentos que foram principalmente escritos oralmente. Porém, de acordo com a tradição, o autor dos cinco primeiros livros, a dizer, o Pentateuco foi Moisés, já que ele recebeu uma extraordinária preparação acadêmica no Egito (Atos 7.22/Hebreus 11:24). Quem melhor, já que Moisés era uma pessoa com maior instrução em todos os sentidos, que daria início ao novo rumo do povo de Israel (que era viver na lei). Num primeiro momento, o próprio Deus dá a ordem para que fique registrado (Ex.17:24), este registro logo se tornou em algo maior (Lei), tornando-se um livro, que iria dirigir as futuras gerações e que não só terminaria na Lei, porém, continuaria com outros escritos até tornar-se um livro mais complexo e completo, contendo vários assuntos que jamais passariam ou deixariam de ser a palavra inspirada por Deus (Lc.21:33/II Pe.1.20,21).

3. O Que é a Bíblia?

A Bíblia é um conjunto de Livros – uma biblioteca, Escritos Sagrados que chegaram até nós atravessando os séculos, e foi por meio do povo Judeu. A Bíblia, As Escrituras, A Palavra de Deus, etc., são alguns nomes dados pelos cristãos ao Livro Santo, além de outros nomes que são atribuídos à Bíblia, figuradamente, tais como: “Mel” (Sal.119.103); “Lâmpada” (Sal.119.105); “Martelo” (Jr.23.29) etc.etc.

A palavra Bíblia é derivada do Grego “Biblós” que significa livros. Este título não é errado pois a Bíblia tem 66 livros sendo (completo na sua totalidade).

A palavra Escrituras, deriva do latim e quer dizer escritos, em Dn.10:21 temos a expressão: "...escritos de verdade..." em 2 Rs.17:37 também se vê: "...que nos escreveu..."

A palavra de Deus, este título que se lhe dá a Bíblia é correto porque nos dá a noção de que se trata de um livro diferente dos outros e, é realmente importante.

Hoje e muitas vezes se fala da Espada com referência a Bíblia, extraída talvez de Ef.6:17 ou de Hb.4:12, este título parece fazer referência ao aspecto cortante, fazendo alusão ao cortar o pecado.

4. Os manuscritos

Manuscritos Existentes

No referente aos manuscritos originais, aliás se trata de algo muito falado, quando existem controvérsias textuais. Porém, temos que dizer que há hoje milhares de manuscritos Hebraicos e Gregos, os quais foram copiados dos antigos manuscritos por escribas judeus, de seu tempo; geralmente esses são os documentos referidos, quando os "originais" são mencionados.

Não é possível dizer quantos existem, enquanto eles estão principalmente preservados nas grandes bibliotecas na Europa, e muitos são propriedades particulares de pessoas.

Os manuscritos existentes podem ser divididos assim:

Manuscritos hebraicos do Velho Testamento. Os mais antigos destes tem data do primeiro século antes de Cristo (100-150), encontrados nas cavernas de "Qumram", nas proximidades do lado oeste do "mar morto" em Israel (também conhecidos como os rolos do mar morto) no ano de 1947 por um jovem pastor árabe (Muhammad adh Dhib) e que trouxe grande testemunho para os escritos Bíblicos.

Manuscritos Gregos do Novo testamento. O mais antigo tem data do século da era cristã.

Manuscritos Gregos do velho testamento. (conhecidos como a septuaginta – a chamada tradução dos setenta) Traduzidos do hebraico cerca de 277 a .c Também datados do quarto século.

Antigas traduções da Bíblia, em parte, em Siriaco, Latim, Alemão e outros idiomas, de várias datas.

5. Manuscritos hebraicos

Não se pode exagerar a dívida que nós devemos aos judeus pelo cuidado deles em extremo, na preparação e preservação dos manuscritos do velho testamento, nem das regras que eles exigem de cada escriba, algumas das quais são estas: O pergaminho tinha que ser feito da pele dos animais limpos. Os judeus, fazendo cópias dos manuscritos hebraicos que são a herança da Igreja, fizeram com o máximo cuidado, contando não somente as palavras, mas cada letra, e destruindo no mesmo momento a folha, se um erro fosse achado.

Cada cópia precisava ser feita de um manuscrito autêntico, escrito com tinta negra, preparada por uma receita especial. Era necessário que os escribas pronunciassem cada palavra em voz alta antes de escrever; em caso nenhum poderiam escrever de memória. Os escribas precisavam limpar suas canetas antes de escrever o nome de Deus e banhar o corpo inteiro antes de escrever o nome de "JEová".

Em vista desse cuidado extremo da parte dos judeus, para preservar perfeitas as Escrituras Sagradas, podem ter plena confiança de que Deus tem guardado Sua

palavra, durante os séculos desde 1500 a C. quando Moisés escreveu as primeiras páginas (Ex. 24:4) até o último trabalho de João, cerca de 100 d. C., e também durante todos os séculos desta dispensação de graça.

No tempo de Cristo, os judeus tinham a mesma reverência para com o livro deles, e o Senhor pôs seu selo sobre as três divisões, Luc.24:47-44/ Jo.10:35;12:14/1Cor.2:12,14. Colocamos nossa fé na inspiração e autoridade da Bíblia, tanto o Velho como o Novo Testamento, porque estão baseados em Nosso Senhor Jesus Cristo.

A reverência dos judeus pode ser ilustrada pelas palavras de um ancião rabino a um jovem escriba: “Tem cuidado com o trabalho, porque a tua obra é uma obra celestial. Cuidado de não omitir e nem, aumentar uma só letra do teu manuscrito, fazendo isto, tu serás um destruidor do mundo.”

Os manuscritos do Novo Testamento também foram copiados, com muito cuidado, pelos Cristãos dos primeiros séculos.

6. Para entender a Bíblia

Desde Adão até Noé a coisa não ia muita bem, o mundo parecia estar debaixo da influência do maligno, a palavra de Deus diz que o mundo jaz no maligno, que após a morte da raça humana no dilúvio, ficou apenas Noé e sua família. Porém, a malignidade já era algo presente na geração de Noé. Vemos no texto bíblico que Noé se embriagou e o seu filho Cão, ao invés de cobrir o erro: o expõe. Deus, vendo isto, não chamou a todos a serem povo dele, e sim, um homem de geração de Sem, filho de Noé, este homem é Abraão. Para termos uma visão mais ampla dos descendentes de Noé, tem na “Bíblia Pentecostal” uma amostragem sobre o tema.

Igualmente é oportuno trazer também para essa discussão, de como “entender a Bíblia”, um quadro contido no livro “Ler e Compreender a Bíblia” de J.H.Alexander, da Editora Ação Bíblia do Brasil, página 10, sobre a “Simetria dos dois Testamentos”.

7 – A Linguagem da Bíblia (Línguas)

“O Velho Testamento”

O Velho Testamento na sua totalidade foi escrito originalmente em Hebraico somente as partes de (Esd.4:7; 6:18/7.12-26 e Dn.2:24; 7:28) em Aramaico, as línguas Hebraica e Aramaico pertencem ao grupo de língua semítica.

Porém o Hebraico e o Árabe são muito semelhantes ou próximo, como por exemplo temos a palavra Deus = Árabe (ALLAM) – Hebraico (ELOAH), conhecido no plural como (ELOAH). Outra palavra é (PAZ- FELICIDADE) – Árabe (SALAM) – Hebraico (SHALOM) existindo muita semelhança.

O texto em Aramaico foi escrito quando os Judeus voltaram do exílio e passaram a usar a língua aramaica como língua popular, isto durou até o tempo de Jesus. Segundo Norman Geisler e William Nixem seu Livro “INTODUCAO BIBLICA” (Editora Vida), pg.125 assevera: “Durante o século VI a C. O aramaico se tornou a língua geral de todo o Oriente próximo. Seu uso generalizado se refletiu nos nomes geográficos e nos textos bíblico de Esdras 4.7- 6.18;7.12-26 e Daniel 2.4 – 7.28”. No entanto a língua hebraica jamais perdeu seu uso, sempre foi tida como língua especial, língua do culto, da sinagoga, língua pela qual Deus falou para os judeus.

“O Novo Testamento”

O Novo Testamento escrito em grego, é o que menos dificuldade apresenta, poderia reconhecer as palavras com pouco esforço, e todo Novo Testamento foi escrito em Grego, sendo este na sua maioria Grego Koine (língua popular – grego popular).

Frise –se que, o Novo Testamento também foi escrito em algumas partes usando língua semítica, ou seja, aramaico: “...Eli, Eli, lema “sabactâni.”Mt.27.46. Diga – se também que, Jesus e seus discípulos falavam pelo menos três idiomas: O Hebraico, o aramaico e o grego” Koine ““.

Ao consultarmos uma Bíblia em Hebraico ou Grego, nem sequer conseguiremos ler o que esta diante de nós, por serem línguas diferentes da nossa. Daí se faz necessário estudarmos estas línguas, aliás, o que todo cristão comprometido com a Bíblia deveria fazer.

A Bíblia, pelas suas particulares de escrituração e lingüísticas, mostra – se um livro em suas narrativas e temas, plenamente conclusivo.

8 – A Bíblia e Seus Autores

A Bíblia é o livro dos livros por excelência. Fora escrita por “inspiração do Espírito Santo”, (II Pe. 1.21) através do “theopneusto” (do grego, que significa:sopro divino) por 40 (quarenta) autores, com mais variadas origens e profissões, tais como: Reis, Legisladores, Tribunais, Profetas, Estadistas, Pescadores, Médicos, Pecuaristas, Pastores, etc.etc. Talvez seja por isso (sua inspiração e os seus escritos) que a torna tão atraente e maravilhosa.

Hoje nas nossas Bíblias, aparece o autor já no começo de cada livro, e nos dá certeza de que o autor que aí aparece foi quem escreveu, algumas vezes o autor usa outro nome para não ser identificado ou permanecer anônimo, mesmo assim o livro aparece com um único autor, aquele que escreveu o livro por completo.

Quando se trata dos livros do Velho Testamento temos que Ter cuidado com algumas afirmações, pois são poucos os livros do Pentateuco onde a tradição disse que são de autoria de Moisés.

Já no Novo Testamento temos maior certeza dos autores, porém existem algumas dúvidas, exemplo o livro de Hebreus.

9 – A Profecia

A época dos primeiros profetas abrange aproximadamente 300 anos, entre 1050 – 780 a . C. e se estuda desde Samuel até Eliseu, os principais expoentes, Samuel – Elias. A época dos últimos profetas abrange outros três séculos seguintes (750 – 450 a . C.) e vai de Amós até Malaquias.

Os primeiros profetas eram homens do povo e falavam sobre Deus como sendo o Deus de Israel; os últimos profetas porém, de nível mais elevado, concebiam Deus sob dimensão Universal, o Deus de todos os povos e de todos os tempos, o Eterno.

Os livros atribuídos aos primeiros profetas foram (Josué, Juizes, Samuel e Reis), relatam essencialmente fatos históricos e foram escritos em estilos prosaicos (relativo a prosa- uma forma especial de falar e escreves sem muita sublimidade); as obras dos últimos profetas, por sua vez, são obras de elevado valor moral, escrita em estilo poético (relativo à poesia), razão pela quais estes são chamados de Profetas – Escritores (Isaías, Jeremias, Ezequiel o doze).

Devido a sua força, e com ajuda de Deus, a mensagem dos profetas, tornou –se de monodolatria (idolatria que adora um só Deus) em monoteísmo (religião que exalta um só Deus). O nacionalismo mudo para Universalismo e a religião em problema de justiça, e ordem moral, muito mais do que mera prática de ritual e culto formal.

Entre os profetas existiam os chamados sábios “Hachamim” que escreveram (Provérbios, Jô, Eclésiastes), pertenciam à literatura da sabedoria.

Os sábios eram geralmente os conselheiros do povo e junto com os profetas, os maiores moralistas de Israel, lutaram lado a lado pela moralidade e pela instauração de

uma ordem de justiça e direito. A comunhão de idéias entre os sábios e os profetas derivava de uma fonte em comum, a Tora, a lei de Moisés, a qual inspirava os profetas.

A distinção entre sábios e profetas é que o profeta falava por Deus e o sábio pela humanidade; o Profeta falava a justiça de Deus o sábio para a razão humana, o profeta era dominado por caloroso sentimento da presença divina e suas ordens, o sábio era impulsionado por uma grande preocupação com a sociedade.

É esta a diferença que dá o colorido todo, os seus diferentes discursos: o Profeta estava cheio de vida, de paixão, de fogo, no instante que o sábio é o realista que olha para a vida de maneira prática, é talvez desapaixonado, calmo e frio. O profeta esta cheio de idealismo, é o realista. As palavras de um profeta são com muita eloquência, o conselho de um sábio é o de um professor sensato. A tarefa do profeta era espalhar o conhecimento de Deus.

O sábio mostra como esse conhecimento é aplicável na vida diária. O Profeta ataca o problema moral de cima; a sua atenção dirige-se para os chefes dirigentes, o sábio ataca o problema de forma diferente, o seu interesse, estava no homem da rua, que ele conhecia como fonte de o desenvolvimento.

10. A História Judaica entre o Velho e o Novo Testamento

O último profeta da nossa Bíblia é Malaquias, que pôs o selo sobre as profecias do Velho Testamento, completou seu livro no início do séc.IV a . C. , e até o advento do Profeta João Batista (Mt. 11. 11), provavelmente estes séculos foram uma época de silêncio quanto à voz de Deus por meio de seus profetas.

Durante este intervalo os judeus da Palestina tiveram grandes mudanças no governo, sofreram perseguições de toda a espécie, temos que dizer também, que nesta época foi onde aparece grande literatura judaica, escritos antigos que foram reescritos, narrações orais também tomaram forma de Livros que foram apreciados na formação do chamado “cânion judaico”. Acrescente-se que , apareceram nesse período, também chamado de inter – bíblico (do profeta Malaquias até João Batista), vários escritos considerados “apócrifos”. Porém, tem que se dar destaque, que nestes períodos os judeus não voltaram a Ter ídolo.

Parece que o cativo na Babilônia lhes havia tirado a raiz da tendência à idolatria, porém, algumas vezes se esqueceram de Deus, apesar dos sacerdotes darem espaços, as nações inteiras cai no formalismo.

Houve sempre um remanescente fiel que levava a lâmpada da verdade, ainda que nos tempos de grande apostasia, porém quanto a maior parte da nação judaica. O período entre o Velho e o Novo Testamento, foi um tempo de decadência espiritual generalizada.

O Velho Testamento parece ter concluído sob o império Persa, porém, é uma certeza que o Pentateuco já tinha sido concluído no Tempo de Neemias. Os Persas foram generosos com os judeus, pois neste império Neemias foi governador de Judá no período de Artaxerxes, que concedeu autorização para reedificar antigos muros de Jerusalém, aproximadamente no ano 445 a . C.. Depois da morte de Neemias, Judá é incluído para a província da Síria, e ficou sob o comando deste governo.

O período em que estiveram dirigidos pelos sírios houvera para os judeus certa tranquilidade e até foram prósperos, porém só durou até 341 a . C. , quando o rei da persa chamado Ochos, castigou severamente um levante (rebelião) na Síria, marchou contra Judá e levou muitos cativos, uma parte dele mandou para o Egito e levaram outros para países vizinhos. Outros Judeus ao verem parentes levados para o Egito, imigraram para lá também, e pelo ano 120 a . C. , achavam-se uma colônia de Judeus numa província egípcia chamado Alexandria.

O império Persa foi vencido por Alexandre o Magno, que começou a estabelecer o Reino Universal dos Gregos no ano de 334 a . C. , depois do 1o ano de seu reinado, marchou contra Judá, por não lhes ter ajudado no momento quando pretendiam atacar a cidade de Tiro. O Sumo Sacerdote juntou toda a nação para suplicar a Deus, pedindo-lhe socorro e proteção contra a ira furiosa do imperador. O Sumo Sacerdote então teve um sonho, e em obediência ao qual vestiu –se esplendorosamente de linho branco, e deixando as portas de Jerusalém abertas, a procissão solene marchou até um monte, não muito longe, donde viram muito claramente o Templo e toda a cidade.

Ao chegar Alexandre e Magno, com seu grande exército, veio o sacerdote venerável e saudou-o com a reverência. Quando seus generais se surpreenderam ao vê-lo, o Imperador lhes disse que não renderiam homenagem ao sacerdote mesmo, senão a Seu Deus. Então lhes contou que quando ainda estava no país da Grécia, este mesmo personagem venerável, com os mesmos vestidos brilhantes, havia lhe aparecido em Sonhos, prometendo- lhes o trono dos persas. Assim abraçou o ancião Judua com grande carinho, entrou pacificamente em Jerusalém, e ofereceu sacrifícios a Jeová no templo.

Jadua ensinou a profecia de Daniel, que profetizou que um rei grego iria vencer o Império dos Persas. Saiu pois ele, de Jerusalém, em paz, havendo concedido liberdade religiosa aos judeus e isenção aos tributos no sétimo ano. Depois disto Alexandre subjugou completamente o domínio Persa em 33 a . C..

No ano 323 a . C. aconteceu à morte de Alexandre, e seu reino foi dividido entre seus quatro Generais, Cassando, tomou a Grécia, Lisímaco e a Bitinha, Selêuco a Síria, e Ptolomeu, o Egito. Os reinos mais poderosos tornaram a ser Síria e o Egito, entre os quais se achou Judá, como a bigorna e o martelo.

Assim foi envolvido nas guerras e intrigas dos reis do norte (Síria) como foi profetizado no cap. 11 de Daniel. Judá foi conquistada, às vezes pela Síria e às vezes pelo Egito, sendo o domínio destes, em geral moderado e benigno.

Durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo do Egito, cerca de 280 a . C. foi principiada em Alexandria a versão dos Setenta (LXX) ou a tradução do Velho Testamento em grego. Durante aquele tempo os gregos estavam disseminando sua influência sobre todos os países, e a linguagem grega foi o idioma dos países e instrumento de todo o mundo conhecido.

Assim a tradução do V . T., nesse idioma universal fez muito para disseminar o conhecimento de Jeová e Suas Santas Escrituras, e ao mesmo tempo abrir caminho ao N. T.. É a revelação mais completa do que havia de vir.

Os Judeus de Alexandria aceitaram os costumes, os modos e a ciência dos gregos; porém os judeus da Palestina recusavam em tudo faze-lo. Assim surgiu uma igreja entre as classes de judeus, que persistiram ainda na igreja cristã. Em At. 6:1 menciona-se a murmuração dos heletistas (os judeus gregos (romanistas) que haviam sido influenciados pelos gregos no Egito e outros países) e todos hebreus (os judeus da Palestina, que estavam sempre resistindo à influência grega), suas viúvas estavam sendo descuidadas com a administração diária, por que os administradores eram judeus da Palestina.

Durante as guerras da Síria com o Egito, a província de Judá, governada pelo sumo sacerdote, uns sendo partidários de um país e outros de outro país, houve intrigas e contendas, sem contar também os conflitos entre os hebreus e os heletistas, para conseguir o ofício do sumo sacerdote. Em 175 a.C., foi cumprida a profecia de Daniel 11:21, quando Antíoco Epifânio, o homem “desprezível”, tornou-se o rei da Síria.

A ele não havia dado a honra do reino, mas que entrou por meio de segurança, e se apoderou por meio de afagos.

Naquele tempo havia um sumo sacerdote muito piedoso chamado Onias, o qual Antíoco despejou e vendeu o ofício para o irmão de Onias, que era chamado Jasen, um homem malvado que prometeu pagar-lhe 368 talentos por ano. Depois despejou este, e vendeu o ofício, outra vez, a Menelão (outro irmão de Onias) por 600 talentos.

Nisto se vê quão desprezível e imoral era o rei. Foi ao Egito e o conquistou. Quando estava ali, circulou um rumor falso, de que o rei Antíoco estava morto; imediatamente levantou Jason com mil homens para pelejar contra Menelão. Tomou a cidade de Jerusalém, fechou seu irmão na torre e matou os que lhe eram oposto.

Quando o rei Antíoco ouviu desta revolução, voltou às pressas para o Egito, supondo que toda Judá havia rebelado. Disseram-lhe que Jerusalém havia se regozijado grandemente ao ouvir sua morte; ardendo em ira lançou-se furiosamente sobre a cidade, e a conquistou. Matou 4.000 pessoas, levou em cativo outro tanto, roubou todos os tesouros do Templo, entrou no lugar Santíssimo, sacrificou um porco sobre o altar do holocausto, espalhou seu sangue em todas as partes do Templo, para profaná-lo. Depois regressou à sua capital que era Antioquia, Menelão como sacerdote malvado e muito cruel, chamou Felipe, para Governar Judá.

Poucos meses depois, o tirano fez outro estrago em Jerusalém, enviando milhares de soldados a matar todos os judeus congregados para o seu culto do dia de Sábado. Saqueou a cidade e suas riquezas, derrubou as casas, queimou muitas a fogo e demoliu os muros. Então fez um sacerdote para que todos os seus súditos observassem a religião idólatra dos gregos.

Quando os judeus recusavam fazê-lo, ele os matava com torturas horríveis. Profanou outra vez o templo, queimou todas as cópias das Escrituras que encontrou, dedicou o templo ao culto de Júpiter, ergueu uma estátua de si mesmo sobre o altar do holocausto, e matou a faca todos os que lhe haviam resistido.

Neste tempo de angústia (168 a.C.) Deus levantou socorro para os judeus, na família piedosa dos Macabeus (martelos), o sumo sacerdote, com seus cinco filhos retiraram-se para o deserto, chamou todos os judeus que temiam Jeová a juntar-se com Eles. Depois de muitas guerras, os Macabeus recobram o templo e o purificaram, e estabeleceram o culto a Jeová, em todo o país de Judá. A festa de Dedicação foi inaugurada por eles em 165 a.C., Jo. 10:22; em 164 a.C. Antíoco morreu com tormentos inexplicáveis de uma úlcera na entranhas. Depois da morte de todos os filhos de Matias, surgiram contendas e divisões entre os judeus, e se levantaram as seitas dos Fariseus e Saduceus; e no fim, o país foi conquistado pelos romanos em 63 a.C.. Quando Cristo nasceu, Cezar Augusto era o imperador de Roma; Cirineu governador da Síria, e Herodes Magno (um idumeu) rei de Judá, Tributários dos romanos.

O PERÍODO ENTRE MALAQUIAS E JOÃO BATISTA ENTRE O VELHO E O NOVO TESTAMENTO

Quatrocentos anos de silêncio

O Período Intertestamentário é chamado de 400 anos de Silêncio. O motivo é que **entre o fim do Antigo Testamento e o começo do Novo Testamento, nenhuma verdadeira voz profética se fez ouvir na Terra.**

Durante esse período, muitos livros foram escritos: os apócrifos. Eles não tem autoridade reconhecida como Escrituras inspiradas. Podem ter até algum valor literário, mas não podem ser aceitos como divinamente inspirados. Muitas heresias e falsos ensinos são encontrados nesses livros, como a oração pelos mortos que se baseia em um versículo de II Macabeus.

Depois da profecia condenatória e pungente de Malaquias, Israel passou por um período de **quatrocentos anos em que Deus permaneceu em silêncio para com Seu povo. A profecia de Malaquias sobre João Batista (3.1. Mc 1.2) assinala a última vez que Deus falou ao Seu povo por meio de um profeta até que João Batista viesse a “preparar o caminho” de Cristo.**

Apesar do fato de João Batista ser considerado o primeiro profeta depois de Malaquias, isso não é de todo verdade. Basta lembrar que Lucas 2.36 diz que Ana era profetisa. Isso logo após o nascimento do Messias.

A Palavra do SENHOR só voltou a ser ouvida pouco antes do advento do Rei, com os anúncios de Gabriel à Zacarias e Maria.

11. Últimos Grandes Impérios

– Império Persa

Ocupando a região Sul do Planalto do Irã, a Pérsia foi primitivamente dominada e governada pelos medas, povo da mesma raça que vivia no norte. Mas Ciro, reconhecido como fundador do Império Persa, atacou e derrotou Astáges, rei da Média.

Apesar de dominar os medas, Ciro sempre os tratou como irmãos, pois os achava mais adiantados. Notando que seus costumes se corrompiam, propagou a religião de Zoroastro (personagem lendária a quem na antiguidade se atribuía à fundação do Masdeísmo, que é a religião de Masda, o deus supremo dos povos iranianos, na qual se admitem dois princípios – o do bem e do mal – e se adora o fogo), que era de moral muito serena. Assim foi a união dos medas e persas, Ciro partiu para a conquista da Ásia.

Os reis da Babilônia e da Lídia e o Faraó Amásis, assustados com o seu poderio, uniram-se contra ele. Mesmo assim, Ciro aumentou o território persa com a conquista de Lídia e das colônias gregas da costa do Mar Egeu. Voltou-se depois para a Babilônia, deu liberdade aos hebreus, cativos desde o reinado de Nabucodonosor, permitindo que voltassem à pátria.

Pouco tempo depois morria Ciro. Combateu no Oriente, mas tornou-se conhecido pelo respeito que tinha pelos povos vencidos. Foi ótimo administrador e citado como modelo pelos gregos à sua mocidade.

Sucedeu-se seu filho Camibises, que com receio de ter seu trono usurpado pelo seu irmão antes de seguir para o Egito, mandou assassiná-lo. Lutando contra o Faraó Psamético, derrotou-o na batalha de Pelusa (525 a.C.), apoderando-se desta forma do Egito. Pretendia invadir Cartago mas teve de retroceder antes da tempestade de areia que destruía o seu exército. Morreu, Cambises, antes de sufocar uma revolta na Pérsia.

Sucedeu-se Dario, o maior soberano Persa, que os gregos chamaram de “Grande Rei”. Tentando administrar melhor o seu reino, dividiu-se em províncias que chamou “satrapias”. Para ficar inteirado do que acontecia nas províncias, nomeou junto a cada uma dois funcionários dependentes da corte que lhe comunicava tudo o que ocorria (Dn. 6:1-3).

Querendo unificar seu vasto império, abriu estradas que uniam as mais remotas regiões. Estabeleceu, também, um serviço; regulou as finanças e criou uma moeda chamada “Dário” com o intuito de facilitar as transações.

Foi vencido em Maratona (490 a.C.), quando guerreava contra os gregos (Dn. 10:20-21). Faleceu ao preparar-se para a desforra.

Dário III, último rei persa, foi derrotado por Alexandre Magno (330 a.C.).

– Império Grego

IMPÉRIO GREGO DE ALEXANDRE (336 – 323 a.C.) – Com as conquistas de Alexandre Magno, houve a expansão do helenismo (conjunto das idéias e costumes da Grécia; Helenísticos – diz-se do período histórico que vai das conquistas de Alexandre à conquista romana) no séc. IV a.C.. Em 333 a.C., Alexandre apoderou-se da Ásia Menor e da Síria. Conquistadas as cidades de Tiro e Gaza, em 332 a.C., invadiu e ocupou o Egito, onde fundou a Alexandria.

Logo após, tendo isolado Dario III do mundo helênico, pela conquista de todas as costas do Império Persa, atravessou o Eufrates e o tigre, derrotando o novo e poderoso exército de Dario na batalha de Gaumela, perto de Nínive; em 331 a.C., depois de conquistar a Babilônia e Susã, entrou em Persépolis, que foi saqueada e incendiada em 330 a.C., invadiu a Índia, onde derrotou Poro às margens do Hidaspes.

Em Hifaso, seus soldados obrigaram-no a parar, recusando-se a percorrer os terrenos do Rio Indo, cansados das guerras e desconfortados. Em 325 a.C., reentrou triunfante em Susã, depois de atravessar os desertos de Gedrósia, Beluquistão e a região de Carmônia. Pouco tempo depois, indo para a Babilônia, foi vítima de breve doença, quando então faleceu, com apenas 32 anos de idade um reinado de doze anos e oito meses, sem ter podido consolidar o vasto império que conquistara.

ESTADOS ALIADOS E INDEPENDENTES – Não se pode dar com precisão os limites do Império Alexandrino. Os territórios foram divididos entre os generais que eram quatro: Antígono, Lisímaco, Seleuco e Ptolomeu. Dos mesmos só dois reinos perturbaram até as conquistas romanas. Um foi o dos selêucidas, na Ásia Ocidental (Síria, Mesopotâmia, Pérsia e Armênia), o outro foi o dos ptolomeus, no Egito.

A Monarquia selênica não conseguiu manter a sua autoridade na parte oriental de seus domínios. Formou-se então no Irã o reino dos Partas e a Leste surgiu outra monarquia grega, a bactriana, que ocupava as partes médias e inferior da bacia do Indo. Na parte ocidental do Império de Alexandre, poucos sobreviveram, os reinos da Macedônia, Trácia, da Bitínia, do Ponto e da Persa foram dominados uma a uma.

A MORTE DE ALEXANDRE – Lendo a história sobre Alexandre o Grande, vemos que ninguém teve tanto poder e tanta autoridade sobre o mundo de sua época. Com 30 anos começou sua conquista e com 32 derrotou o mundo desde a Grécia até a Índia. Porém como se “alguém” tivesse um outro propósito para o mundo, nós vemos que Alexandre vem morrer na Babilônia, vítima de uma doença febril desconhecida que se originou em Susã.

Porém morreu sem consolidar seu Império, e por isso foi mais fácil para o Império Romano conquistar o mundo, e principalmente chegar a Palestina pouco antes do nascimento de Cristo. Vemos curiosamente que Herodes, com a cobertura de Roma, manda matar o Messias, recém nascido, por “coincidência”, logo depois matam a Cristo, porém, surgiram os Cristãos, e como veremos a frente, sem uma razão plausível, começaram a perseguir e a matar os cristãos.

– Império Romano

Após ter sido sucessivamente conhecido à Itália e o Mediterrâneo, Roma estabeleceu o seu império sobre a parte do mundo conhecido, situado entre os três continentes, do qual marcavam limites naturais os rios Danúbio e Reno. Este Império constituiu-se tendo como centro a cidade de Roma, e exerceu papel decisivo em toda a História do mundo antigo. Os primeiros imperadores chamavam-se os Doze Césares.

Foi Júlio César que criou as bases do regime imperial.

TERRITÓRIOS CONQUISTADOS – das guerras de 200 a 146 a.C., resultaram a anexação da Macedônia, a subjugação da Grécia e a conquista de Cartago, Pérgamo foi entregue a Roma em 133 a.C., o Egito também permaneceu por muito tempo como protetorado dos romanos, sendo anexado formalmente em 30 a.C.

EXTENSÃO DO IMPÉRIO NO INÍCIO DA ERA CRISTÃ – O princípio do Cristianismo não constitui uma ameaça ao poderio imperial de Roma. O Império continuava em sua extensão territorial. A conquista das Gálias por Júlio César foi aumentada pela anexação da Britânia no reinado de Cláudio do ano 43. A conquista da Espanha, iniciada com a 2ª Guerra Púnica, foi completamente por Augusto. Anexou-se todo o Norte da África. Na Europa, a fronteira setentrional do Império era marcada pela linha Reno-Danúbio até a conquista da Dácia no séc. II.

CONQUISTA NO SÉC. I DA ERA CRISTÃ – O Império era dividido em províncias, que no tempo de Augusto foram trinta e no tempo de Trajano quarenta e seis. A Itália compreendia onze regiões. As províncias eram de tamanhos diferentes, porém a maior parte era de grande extensão, como a Lugdunesa, a Tarraconesa e o Egito.

No séc. III da nossa era, o Império que envolve o Mar mediterrâneo na sua totalidade. Os imperadores deixam de pensar em ocupar outros territórios que só viriam mais difícil a defesa.

CONQUISTAS ULTERIORES (TRAJANO, SEVERO, DIOCLECIANO) – Trajano foi um dos maiores imperadores romanos; diminuiu os impostos, construiu pontes, estradas e templos. Foi um grande general, venceu os dácios, conquistando-lhes o país, atual Romênia. Durante o seu reinado os cristãos foram perseguidos. Severo foi um bom imperador, combateu e venceu os persas, era governante justo e sábio. Diocleciano reprimiu os bárbaros, reabilitou o Império, que estava em decadência, compreendeu que a causa de todas as desordens era a enorme extensão dos domínios romanos. Podemos notar no mapa à parte da Britânia romana, em que são traçados as estradas que do Sul para o Norte penetravam na Ilha. Os nomes são dados segundo a nomenclatura inglesa, pela qual são atualmente conhecidas. Na parte na Roma e seus arredores, acham-se indicados os trechos iniciais da Via Ápia, da Via Latina, da Via Flamínia, da Via Aurélia.

12 – Traduções

Em 1859 fez outra visita, esta vez comissionado pelo Imperador da Rússia, e parece que sua viagem outra vez havia sido infrutuosa. Porém quando eles estavam saindo, muito cedo de manhã, o mordomo lhe disse que tinha um exemplar da Versão dos Setenta, e levou o professor ao seu quadro. Ali ele tirou um pacote envolto num pano vermelho. Ao abri-lo se revelaram, aos olhos do visitante encantado, não somente os pergaminhos do Velho Testamento, que havia visto 15 anos antes, como também o Novo Testamento completo.

Ao Dr. Tischendorf foi permitido ficar mais uma noite no mosteiro, e levou os manuscritos ao seu quarto para vê-los, ele sentiu que a ocasião toda era demasiadamente sagrada para dormir, pois passou toda a noite copiando tudo o que podia dos tesouros que havia encontrada. Depois todo o manuscrito ou código, foi emprestado ao Imperador da Rússia, e no fim de 1859 ele o conseguiu dos monges e foi posto na grande biblioteca Russa, como propriedades do governo e da Igreja Ortodoxa do Oriente.

Na revolução de 1917, caiu no poder dos bolcheviques ateus, porém eles eram muito astutos em calcular seu valor monetário. Os protestantes da Inglaterra o

compraram, por fim, para depositá-lo no museu Britânico de Londres e tiveram de pagar 1.000.000 libras esterlinas (cerca de 510.000 dólares ou seja, a importância de 1.377.000 hoje em dia, que foi a maior compra literária já registrada).

Este código foi escrito num belo estilo e muito cuidadosamente, sobre o couro de cem antílopes. O Novo Testamento é perfeito; nem uma folha está faltando. É dito ser o segundo mais velho documento existente (350 d.C.).

O Código Alexandrino – A data deste manuscrito é 450 d.C.. Estão faltando 10 folhas do Velho Testamento. Está no museu Britânico de Londres. Foi dito que foi escrito por “Tecla – o Mártir”. Provavelmente foi escrito em Alexandria no Egito. Em 1621, foi levado a Constantinopla e em 1624 foi presenteado ao Embaixador Britânico na Turquia, para ser obsequiado ao Rei Jaime I, da Inglaterra. Esse foi o mesmo Jaime que autorizou a Versão de toda a Bíblia em Inglês, que foi completada em 1611; que depois foi aceita por Carlos I em 1627, e colocada na Biblioteca real. Finalmente em 1757, o Rei Jorge II presenteou essa Biblioteca à Nação Britânica e ao Museu o código famoso. Este foi o primeiro manuscrito inicial para ser usado pelos Tradutores Bíblicos.

A versão “vulgata”

No 2º. séc. da era cristã, o latim substituiu o grego, e ficou por muitos anos a linguagem diplomática da Europa. Nesse tempo foi feita no Norte da África uma tradução da Septuaginta, versão do Velho Testamento traduzindo “hebraico para o Grego”, e do Novo Testamento, do grego original, para que todo o povo que falasse latim, pudesse ler a Palavra de Deus. É conhecida como “Vulgata”, palavra latina que tem como significado “para fazer comum ou público”.

A Versão Vulgata foi usada pelas igrejas da Europa à África até o Tempo da reforma, quando começaram a fazer e usar versões em seus próprios idiomas.

No século IV quando foi feita uma revisão da Vulgata por Jerônimo, um estudante santificado, que tinha acesso aos antigos manuscritos hebraicos; esta revisão de Jerônimo foi tão importante que, igual a Septuaginta, influenciou em todas traduções futuras. Por mil anos esta foi a Bíblia da Igreja Católica.

Versões bíblicas em inglês

A versão de João Wycliffe, 1383: Ele era um dos mais eruditos de seu século, e tem sido chamado “o primeiro protestante”, porque pregou por muitos anos, proclamando as verdades Bíblicas e protestantes contra Roma, que então governava as igrejas da Inglaterra. Muitos poucos sabiam ler o Latim, e Wycliffe defendeu o direito de cada homem ler a Bíblia para si mesmo; e ele resolveu dar aos ingleses uma versão no seu próprio idioma. Ele foi muitas vezes preso, perseguindo e vituperado, porém, com a milagrosa de Deus, conseguiu seu intento, e fez uma versão da Bíblia inteira, da Vulgata, em inglês.

Naquele tempo, um escriba levava 10 meses para copiá-lo, e às vezes um exemplo custava 100 dólares.

Wycliffe morreu em sua cama, apesar da ira e fúria dos seus inimigos romanos. Quarenta anos depois da sua morte, por ordem do papa, seu túmulo foi aberto, o caixão e o esqueleto foram queimados publicamente, e as cinzas atiradas no rio Swift. Um pregador cristão (Tons Fuller) escreveu depois: “O Swift as levou ao Avon à Sabrina e aos mares estreitos, e estes ao grande oceano”. Assim as cinzas de Wycliffe são símbolos de sua doutrina, que agora tem espalhado em todas as partes do mundo.

Chegamos agora ao tempo da invasão da imprensa, por Gutemberg na Alemanha, 1454 d.C., esta foi uma ajuda tremenda para espalhar a Palavra de Deus.

Notaremos a versão de William (Guilherme) Tyndale, a primeira do Novo Testamento, do Grego Original, que foi à imprensa da Alemanha, em 1536. Ele completou uma versão do Pentateuco em hebraico em 1530, e seguiu traduzindo os demais livros do Velho Testamento, antes de seu martírio, em 1536, deixando seu amigo João Rodgers para completar a obra. A Bíblia inteira foi em impressa em inglês em 1537.

A Versão autorizada, tradução dos idiomas originais por 47 eruditos ingleses sob o auspício de Jaime I, em 1611. Esta é a versão mais usada até o dia de hoje.

A Versão revisada, uma revisão anterior, feita por dois comitês: Um na Inglaterra e outro nos EUA o Novo Testamento foi publicado em 1881 e o Velho Testamento em 1885.

Versão revisada Normalizada (Standard), tradução do hebraico e Grego, à luz dos Manuscritos mais recentes em 1952.

A Bíblia em português

As primeiras porções da Bíblia em português, datam de 1495, quando D. Leonor, esposa do Rei D. João II, fez publicar Lisboa uma tradução da vida de Cristo, a qual incluía o Evangelho de Mateus. Em 1505, pela mesma rainha, foram publicados os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de Tiago e Judas. O primeiro Novo Testamento traduzido por João Ferreira de Almeida foi publicado em 1680, na cidade de Amsterdã, Holanda.

João Ferreira de Almeida traduziu também quase todo o A. Testamento, isto é desde o Livro de Gênesis até Ezequiel cap. 18 vers. 21. Sendo o restante completado por um grupo de Missionários. O Velho Testamento, tradução Almeida, foi publicado no ano de 1753. No ano de 1778, foi publicado o Novo Testamento, traduzido pelo Pe. Antonio de Figueiredo. No ano de 1783, do mesmo tradutor, foi iniciada a publicação do Velho Testamento, publicação esta que só se completou em 1790. Em 1819, na Inglaterra, foi publicada a Bíblia completa, isto é, N.T. junto com a Versão Almeida.

Em 1821, foi publicada, também em um só volume, a Versão de Figueiredo. A mais recente data de 1917, é a versão brasileira, publicada sob os auspícios da Sociedade Bíblica Americana e Britânica. Há ainda outras traduções menos conhecidas, sem a mesma aceitação entre o povo.

Em 1946, a versão do padre Matos Soares (Tradução da Vulgata de 1592) em 4 volumes. O Novo Testamento sistema Braille, para os cegos, em 7 grandes volumes, e esta obra que acaba de ser pela Sociedade Bíblica Americana.

A Primeira Bíblica impressa no Brasil impressa no Brasil é a Edição “Revista e corrigida” da Bíblia de Almeida, publicada pela imprensa Bíblica Brasileira, em 1952. (A Bíblia no mundo, por Pastor Frederico Vitole).

13. A Divisão dos Livros

CAPÍTULOS - VERSÍCULO – PARÁGRAFOS

A divisão das Sagradas Escrituras, em Livros, Capítulos, Versículos e Parágrafos, nada tem haver com a inspiração e não é de tempos remotos.

Os Livros da Bíbias – Há 39 livros no Velho Testamento e 27 livros no Novo Testamento, 66 livros ao todo. Estes livros não se encontram arranjados em forma ou ordem cronológica, nem na ordem em que eles tinham nas Escrituras Originais Hebraicas, mas são arranjados segundo a ordem, primeiro adotada na Septuaginta.

O reajustamento da ordem dos vários Livros, e os títulos dados àqueles livros, parece Ter sido de origem humana. Contudo, ambas parecem Ter seguido em quase todas as traduções de então.

OS CAPÍTULOS DA BÍBLIA – Em 1250, a bíblia foi dividida em capítulos pelo Cardeal Hugo, isto ele fez com o propósito de uma concordância latina. As divisões, embora muito convincentes para as referências, às vezes estão longe de serem bem arranjadas. Todavia em versículos não foi feita até 300 anos depois.

A DIVISÃO DA BIBLIA EM VERSÍCULOS – Em 1560, uma edição importante da Bíblia apareceu como a Bíblia de Genebra. Porque foi preparada pelos reformadores de Genebra, para onde eles fugiam por causa da perseguição sob a rainha Mary (Maria).

Esta foi a primeira Bíblia na qual foram usadas letras itálicas para indicar palavras que não estão no Original. Também foi a primeira Bíblia inteiramente dividida em versículos; e foi a primeira a omitir os livros apócrifos, desde a introdução deles na Septuaginta, cerca do quarto século.

A DIVISÃO DA BÍBLIA EM PARÁGRAFOS – Em 1885, uma revisão da Versão Autorizada (Inglês) foi publicada e os revisores adotaram o sistema de parágrafos, o qual foi muito útil, exceto com os livros poéticos. Levou quinze anos para fazer-se esta revisão. Quase cem homens dos mais eruditos de várias denominações da Inglaterra e América do Norte foram empenhados nesta obra.

14. O Cânon das Escrituras

O novo “Cânon” é a forma grega, da palavra “cané” e significa método ou regra. É usada pela igreja Cristã no sentido de ser a regra, o estatuto ou regulamento inspirados e aceitos como autoridade pela igreja Universal.

A palavra acha-se em três passagens no Novo Testamento Gal. 6:16/ Fil. 3:16/ 2 Cor.10:13-17. Foi Atanásio, de Alexandria, cerca de 300 d.C., quem primeiro aplicou a palavra cânon ao catálogo de livros inspirados da Bíblia.

O Cânon das Escrituras do Antigo Testamento foi encerrado por Esdras e seus companheiros piedosos, que formaram a Grande Sinagoga, cerca de 400 d.C. dividiram-se em três:

1. A lei de Moisés
2. Os profetas
3. Os Salmos

Na bíblia antiga dos judeus, as três divisões eram assim:

1. (5) Cinco livros chamados a Lei. Que corresponde aos nossos.

2. (8) Oito livros chamados os Profetas, e foram classificados assim:

- a) **Profetas anteriores:** Jonas, Juizes, Samuel e Reis;
- b) **Profetas posteriores maiores:** Isaías, Jeremias, Ezequiel;
- c) **Profetas menores:** um livro chamado “os doze”.

3. As Escrituras, o Salmo contando os 11 livros divididos assim: divididos assim:

- a) **Poético:** Salmo – Provérbios e Jó.;
- b) **Cinco rolos:** Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester. Estes rolos foram lidos em cinco festas dos hebreus: Cantares na Páscoa. Rute em Pentateuco.

Eclesiastes nos tabernáculos. Ester em Purim. E Lamentações no aniversário de destruição de Jerusalém;

c) **Históricos:** Daniel, Esdras, Neemias e um Livro de Crônicas. (Esta era a divisão da Bíblia dos Hebreus).

Cristo mencionou estas três divisões do Velho Testamento em Lc. 24:44 e Mat. 23:34-36; Luc. 11:49-51. Ele pôs Seu selo divino sobre a autoridade de todo o Velho Testamento. Os 24 livros dos hebreus são iguais com os 39 que nós temos nas Igrejas Cristãs, somente são divididas de outra maneira. Esta divisão em 39 livros foi feita na tradução do Velho Testamento em grego, cerca de 277 ou 280 a.C. (versão Septuaginta).

15. Divisão da Nossa Bíblia.

Velho Testamento – 5 divisões – 39 livros

Lei – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio. (5).

Históricos – (12) Josué, Juizes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

Poéticos – (5) Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares.

Profetas Maiores – (5) Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel.

Profetas Menores – (12) Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

Novo Testamento – 3 divisões – 27 livros.

Históricos

Os Evangelhos – (4) Mateus, Marcos, Lucas, João e (1) Atos dos Apóstolos.

Doutrinários

Epístolas Paulinas – (13) Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemon.

Epístolas Gerais – (8) Hebreus, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas.

O Profético – Apocalipse.

O Cânon do Novo Testamento estabeleceu-se pouco a pouco pela igreja cristã durante os primeiros dois séculos d.C.. Desde o princípio, os 4 Evangelhos, os Atos, as 13 Epístolas de Paulo, 1 Pedro, e 1 João, eram aceitas como canônicas por todas as Igrejas e não tinham dúvidas acerca da inspiração nem da sua autoridade. Acerca de Hebreus, Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse havia um pouco de dúvida em algumas igrejas. Podemos ver aqui o cuidado e investigação minuciosa da igreja primitiva. Este sete livros foram ultimamente aceitos como livros do Novo Testamento, confirmado pelo Concílio de Cartago, em 397 d.C.

Para formar um cânon é preciso ter o seguinte:

1. Livros existentes;
2. Vários livros de um caráter semelhante, não podendo ter um cânon de livros cujas histórias e doutrinas são distintas e contraditórias.
3. Uma religião comum. Não se pode proclamar duas religiões distintas no mesmo cânon.
4. Uma nação ou um poço unido e ligado por duas instituições religiosas e políticas.
5. Uma Literatura Sagrada nacional.

6. Um sistema de fé e conduta nacional. Não se faz um cânon de crenças em superstições verbais.
7. Um idioma comum.
8. A arte prática de escrever.

Alguns perguntam: Por que é necessário ter um cânon das Escrituras Sagradas? Podemos constatar:

1– Para termos uma revelação completa de Deus. A bíblia é (em um sentido) um livro, todo inspirado por Deus, explicando ao homem pecador o plano de salvação e a vontade do Senhor para a sua vida. Porém cada livro sendo separado tem seu lugar, e a revelação não se completa sem a totalidade.

2– É necessário termos a revelação escrita. Quando os apóstolos e os profetas viviam, eles ensinaram seus discípulos a mensagem de Deus que ia espalhando-se oralmente. Porém depois que eles morreram e a inspiração cessou, era necessário que as gerações seguintes tivessem a mensagem uma forma permanente para ser preservada.

Em 302 d.C. o Imperador Diocleciano mandou destruir todos os livros e documentos cristãos. Pois quão necessário era que todos os crentes soubessem quais eram os livros inspirados para entendê-los e para protegê-los.

3– A terceira razão pela qual necessitamos de um cânon, das Escrituras é para excluir os muitos espúrios (Falsificados), que foram escritos nos séculos depois de Cristo, porém por decreto de toda a igreja não tinham a inspiração do Espírito Santo. Em 330 d.C., o Imperador Cristão Constantino mandou fazer 50 cópias das Escrituras para serem colocadas nas igrejas de Constantinopla, e por essa ordem foi claramente estabelecido que, foram os 66 livros que consistiam o cânon do Velho Testamento e Novo Testamento.

Agora vamos dar algumas notas acerca do tempo quando foi encerrado o cânon do Velho Testamento.

1. A nação judaica foi levada cativa para Babilônia. Quando o povo voltou para o seu país, voltou com grande respeito pelas Escrituras Sagradas e pelos seus líderes: Zorobabel, Esdras, Neemias, Ageu, Zacarias e Malaquias. (Leia com cuidado todo o livro de Neemias, notando como o povo apreciava a Palavra de Deus, e o espírito arrependido e contradição que manifestaram no cap. 9. Apesar de que alguns haviam transgredido os mandamentos de Deus contraindo matrimônio com mulheres pagãs).

2. Uma coisa muito importante é que sempre nos acordamos pela obra do Espírito Santo Deus. Ele não somente inspirou aos escritores dos livros da Bíblia mas também guiou os que arranjaram o cânon e o encerraram.

3. Esdras, o líder da segunda seção da volta do cativeiro, não somente era um sacerdote, mas também hábil escriba, fundador do grêmio de escribas que se conhecem entre os judeus como: Advogados, Mestres, Juizes. Escritores e Copiadores das Escrituras, até o tempo de Cristo, Esdras 7:6, 11, 12, 21/ Neemias 8:1, 4, 8, 13; 12:26, 36.

4. Os últimos escritores do Velho Testamento foram Neemias e Malaquias. Todos os 39 livros do Velho Testamento foram escritos antes dos 430 anos a.C.. Desde então, como o historiador Josefo testifica, não foi nada acrescentado no cânon do Velho Testamento.

Depois da ascensão de Cristo, quando todos os apóstolos estavam no mundo. Sua mensagem espalhava-se verbalmente aonde quer que os cristãos viajassem. Para eles a Bíblia consistia de cânon do Velho Testamento redigido por Esdras e garantido

por Jesus Cristo muitas vezes durante seu ministério. Mas pouco a pouco aparecem novos livros relatando a vida e os ensinamentos de Jesus, e quanto mais se estendia à igreja cristã (Primitiva) mais necessidade havia destes livros.

Podemos notar três razões para um cânon autorizado:

1. O desejo dos cristãos de ter em um volume o relato da vida e ministério de Seu Salvador.
2. A existência de livros espúrios que saíram à luz ainda no século segundo d.C. ensinando doutrinas falsas.
3. A tradução dos livros em outros idiomas. Quão importantes, pois, para que todos soubessem quais eram os livros canônicos para excluir todos os demais.

Das Escrituras dos pais da igreja primitiva, podemos notar as seguintes provas que usavam para declarar um livro canônico ou não:

1. Se foi escrito por um apóstolo ou por uma autoridade;
2. Se era lido em todas as igrejas e aceito como inspirado;
3. Se tinha ajuda a edificação para as necessidades espirituais dos homens;
4. Se toda a igreja tinha o testemunho do Espírito Santo que era autorizado.

Assim, segundo esta aprovação, os 27 livros que agora temos no Novo Testamento foram aceitos por todas as igrejas, e todos os demais livros repelidos.

16. Os Livros Apócrifos

A palavra apócrifo, que significa, secreto, escondido ou oculto, muitas vezes é usada para indicar as escrituras secretas de algumas seitas que não revelam seus mais profundos ensinamentos à não ser para os seus adeptos. Na igreja primitiva as Escrituras apocalípticas tinham um significado difícil para se compreender. Em uma palavra, os livros apócrifos são os que tem sido julgados não Canônicos, ou apócrifos pelos judeus (falando do V.T.) e a Igreja Cristã (Primitiva). Os livros falsos eram denominados de “pseudepígrafos” – literalmente – “falsos escritos”.

Os livros apócrifos do Velho Testamento existentes todos em grego são 14. 1 e 2 Esdras, Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, Epístola e Jeremias, Cântico dos três jovens, História de Susana, Bel e o Dragão, Oração de Manasses e 1 e 2 Macabeus.

Este 14 livros a igreja Romana diz que são 11 Canônicos, estes foram inseridos em sua Bíblia, omitindo a oração de Manasses e os dois livros de Esdras.

Nos Manuscritos mais antigos do N.T., havia alguns livros apócrifos, porém não todos, e alguns depois do N.T. como livros úteis para a história, mas não canônica. Destes, os mais importantes são os livros de Macabeus, que nos dão uma história clara e compreensível das guerras na Palestina, que tiveram lugar durante o período de 400 anos entre o V. e o N. Testamento, mas geralmente falando, consistiam de aspectos lendários, com alguns graves erros históricos. Eles nunca foram realmente reconhecidos pelos judeus ortodoxos ou pela igreja cristã como sendo canônicos, inspirados ou como autoridade.

É um fato significativo que desde os tempos mais antigos até o cativo, nenhum livro a não ser aqueles reconhecidos, jamais foram falados como tendo lugar no Cânon sagrado. Em verdade, foi muito tempo depois do cativo que se teve a ousadia de misturar estes espúrios livros; entre eles, não sabemos com certeza quais eram os autores dos livros apócrifos. Porém é provável que eles foram escritos por judeus em Alexandria, com exceção dos livros Macabeus e Eclesiásticos, cujos autores foram

judeus da Palestina mesmo. A maior parte dos eruditos crêem que foram escritos entre 200 a.C a 100 d.C.

Embora estes livros não tenham a autoridade divina nem foram aceitos como inspirados pela igreja protestante, todavia eles são de muito interesse para nós como uma parte da literatura antiga dos judeus, eles contêm muitas coisas errôneas e contraditórias; contudo, nos descrevem uma época na história judaica, quando não havia revelação divina, e nos revelam muito acerca da nação escolhida, suas esperanças e temores, suas guerras e histórias, suas filosofias e pensamentos durante aquela época.

Outra coisa digna de mencionar é a influência destes livros sobre os escritores do Novo Testamento. Nenhum destes os teria como inspirados nem os inclui no cânon, porém, é certo que eles os leram, é provável que em Heb. 11:34-38, Paulo se referia aos mártires da guerra dos Macabeus. Os judeus em todo o mundo aceitam o mesmo cânon do V.T. que os protestantes, e nenhum dos livros apócrifos foram incluídos se não, que a LXX, era uma tradução em Grego do Hebraico, somente dos trinta e nove livros que nós temos no V.T.

Porém, mais do que isto, há evidência de que a primeira introdução destes livros espúrios entre o cânon sagrado, devia ter tomado lugar centenas de anos mais tarde; porque Cyrilo de Jerusalém, que nasceu cerca de 315 a.C. referiu-se à tradução Septuaginta dos seus dias, e incidentemente mostrou que, mesmo até ao seu tempo a Versão Septuaginta tinha somente 22 livros sagrados. Suas palavras são: “Lê as Escrituras divinas, isto é, os 22 livros do A. Testamento que os setenta e dois intérpretes traduziram” (a tradução Septuaginta).

Mas ainda há dois fatores importantes para guardar na mente antes de deixarmos este assunto:

1. Quanto mais as Escrituras são estudadas, mais somos convencidos de que elas são encerradas em si mesmas e absolutamente completas, revelando um plano perfeito do começo ao fim, e não tende superficialidade ou falta.

2. O que é mais significativo, é que a Bíblia contém três advertências solenes contra qualquer tentativa em acrescentar as palavras do livro inspirado por Deus; esta significação é grandemente acentuada pelo fato de que a primeira advertência foi escrita de todos os escritores das Escrituras, a Segunda advertência é achada muito perto do meio da Bíblia, enquanto que a terceira foi escrita pelo último dos escritores.

Moisés que teve a visão dada pelo Espírito, do passado descendentes, escreveu a primeira: Deut. 4:2.

Salomão, o homem mais sábio que viveu, escreveu a segunda: Prov. 30:6.

João, para quem foi dado tão maravilhosas revelações do futuro, escreveu a terceira: Apoc. 22:18,19.

Assim, nós vemos, como o Espírito Santo tem antecipado em mais de um meio esta mesma questão e tem colocado três sentinelas como se fosse para guardar de qualquer obra não inspirada, incluía entre elas.

Agora, tendo considerado a questão dos livros apócrifos, e tendo mostrado conclusivamente que eles não foram incluídos em nenhuma parte do cânon das Escrituras, nós temos de enfrentar uma questão noutra forma. Nós temos agora, realmente, o CÂNON completo em nossa possessão? Porque sem dúvida existiam outros livros, alguns deles escritos por profetas, contando relatos judaicos, etc., de mais ou menos valor, que são atualmente referidos na Bíblia, mas que foram perdidos há muito tempo. Esse são:

1. “No Livro de Guerras do Senhor” Num. 21:18
2. “O Livro do justos” Js. 10:13 / 2 Sam. 1:18
3. “As Crônicas do Profeta Nata” 1 Crôn. 29:29
4. “As Crônicas fé Gade, o Vidente” Crôn. 29:29
5. “As profecias de Aias, o Silonita” 2 Crôn. 9:29
6. “As visões de Ido, o Vidente” 2 Crôn. 9:29

Com o conhecimento desses livros perdidos, a pergunta naturalmente feita é: como podemos assegurar a nós mesmos pela inteireza da Bíblia como agora nós temos, ou satisfazer a nós mesmos que nela nós temos a inteira Vontade de Deus revelada? Desta pergunta naturalmente surgem mais duas:

1. Qual foi à natureza real e significativa daqueles livros perdidos?
2. Como o Cânon da Bíblia foi determinado?

Com respeito à primeira pergunta, parece clara, das referências muito breves achadas nas Escrituras, que haviam certos escritos por profetas e outros que não tem achado lugar no Cânon das Escrituras.

Atualmente não nos foram ditos o objetivo deles, nem porque não foram preservados; enquanto outros livros do Cânon e mais velhos do que eles tem-nos sido. Parece contudo, seguro para dizer-lhe local e limitada, incluindo matérias, por exemplo relatando certas experiências das vagueações dos Israelitas. Num. 21:24, e incidentes na vida de Josué. Josué 10:13, Davi, 1 Crôn. 29:29, Salomão, 2 Crôn. 9:29, etc. que não foram necessários e nem desejáveis de não terem sido incluídos nos escritores permanentes das Escrituras; deve ser lembrado que nós não temos todos os detalhes da vida e afazeres dos Hebreus, mas um divinamente resumido sumário daqueles afazeres, somente aquelas coisas serviam para repreensão, para a correção, para a educação na Justiça”.

E tudo mesmo na vida do povo de Deus que não serviu para este grande propósito foi omitido, não obstante muitas matérias de detalhes bastantes interessantes em si mesmos, bem podia ter sido recordado em livros contemporâneos não inspirados.

Então quando nós lemos uma expressão como – “Quanto aos mais atos de Salomão, assim os primeiros como os últimos por ventura não estão escritos nos livros da história de Natã, o profeta, e na profecia de Aias, e nas visões de Ido, o Vidente” 2 Crôn. 9:29, é uma simples declaração de fatos recordados pelo Espírito Santo, que em adição aos outros registros inspirados foram possivelmente mais repletos da vida daquele homem singular e maravilhoso; enquanto as próprias palavras parecem claramente inferior ao registro que as Escrituras contêm, que é tudo que Deus quis para preservar para nossa advertência, etc... (1 Cor. 10:11).

Porém seria tão absurda para supor que aqueles livros perdidos uma vez formaram uma parte do Cânon Sagrado, meramente por que eles são referidos nas Escrituras, como seria para dizer que alguns escritos dos poetas pagãos têm de ser considerados como uma parte da Bíblia, meramente porque Paulo falando ao povo de Atenas, fez uma citação deles quando ele disse: “Como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque deles também somos geração” At. 17:28.

Quanto à Segunda pergunta como Cânon da Bíblia foi determinado pode ser interessante de mencionar aqui, que enquanto não é possível marcar qualquer data exata mesmo assim parece claro que o Cânon do V. Testamento, foi geralmente conhecido como encerrado entre os dias de Esdras e Cristo. Segundo a Cronologia da Bíblia por Jacó (Jacob Bilbe Cronology), Esdras arranhou todos os livros do V.

Testamento (com exceção de Neemias, Malaquias) cujas profecias foram escritas mais tarde. Josefo e outros historiadores são testemunhas deste fato.

O arranjo do N. Testamento não parece ter sido completamente encerrado até dois ou três séculos depois de Cristo. Em todo caso, em 397 d.C. o Concílio de Cartago publicou uma lista dos livros que foram reconhecidos como genuínos. Aquele lista contendo todos os escritores do Novo Testamento sem exceção, como nós temos agora, apesar de muitos desses livros serem reconhecidos como canônicos muito antes desta Dara.

Alguns dos livros, especialmente o Pentateuco – os cinco livros escritos por Moisés (Gênesis à Deuteronômio), desde o princípio foram reconhecidos pelos judeus como a verdadeira expressão vocal de Jeová: a origem e autoria deles nunca em qualquer tempo tem sido duvidosa. Em verdade, estes livros de Moisés, até hoje tomam um lugar mais alto nas mentes dos judeus, do que qualquer outra parte das Escrituras; tanto que, em cada sinagoga judaica, pelo mundo afora, existem pelo menos de duas as três cópias do Pentateuco, apesar de em muitos casos eles possuírem qualquer ou parte do V.T.. os Samaritanos rejeitaram tudo, menos o Pentateuco.

Como alguns dos outros livros, contudo estavam diferentes, quer dizer que seu caráter de uma vez não foram discernidos. Todos, no entanto, no curso do tempo, foram ultimamente reconhecidos como tendo vindo de Deus, e, apesar deles terem sido colecionados e arranjados na sua forma presente pelas mãos humanas; a seleção deles não foi deixada para o capricho de qualquer homem ou grupo de homens, quer a igreja ou concílio. Em verdade, este foi o erro fatal feito no concílio de Trento (1546 d.C.) que, conseqüentemente, foi praticamente um concílio católico romano, sendo presidido e controlado pelo Papa, quando eles decidiram que os 14 livros apócrifos não inspirados deviam ser incluídos no Cânon das Escrituras. Porém qualquer criança pode ver que aquela decisão não pode realmente modificar o verdadeiro caráter daqueles livros não inspirados, que foram escritos quase dois mil anos anteriormente.

Como Lutero verdadeiramente disse: “A Igreja não pode dar mais força ou autoridade a um livro do que ele tem em si mesmo. Um concílio não pode fazer aquilo ser Escritura que na sua própria natureza não é Escritura”.

Como é então, que esta questão tão importante é determinada? Foi decidido pelo testemunho interno e valor intrínseco do próprios escritores. Parece ter sido costumes para os escritores inspirados entregarem seus escritos aos sacerdotes e serem colocados ao lado da lei para serem guardados Deut. 31:9 Josefo nos conta que este hábito sempre foi seguido, sendo feito cópias para uso de reis e outro. Deut. 11:11. Mas e no início, quando estas expressões sagradas foram colocadas na escrita, elas foram a alguns casos somente reconhecidas como a Palavra do Senhor”, pelos “pobre do rebanho” Zac. 11:11, enquanto pelos outros foram muitas vezes indignados, repudiados e os próprios escritores encarcerados e assassinados, Jer. 36:5,23,24.

Mas, mais cedo ou mais tarde a árvore foi conhecida pelos seus frutos: e aqueles mesmos escritores que no principio foram rejeitados, tornaram-se, no curso do tempo, honrados e reverenciados, até cada parte da verdadeira Palavra de Deus, que é declarada ser “viva e eficaz”, Heb. 4:12 afirmou sua própria autoridade. Embora escrita por homens, tornou-se reconhecida como a voz de Deus: e desde então tem sido considerado como tal: no caso do V. Testamento, pelos judeus, e no caso do N.T. pela igreja Cristã inteira.

É o mesmo fato que aqueles outros livros passaram, é prova suficiente em si mesma, que eles nunca foram entendidos para unidos ao Cânon das Escrituras Sagradas; porque se eles tivessem formado uma parte da verdadeira Palavra do

Senhor, eles precisariam, em sua própria natureza, ter ficado até o dia de hoje, desde que está escrito: “A PALAVRA DE DEUS: A QUAL VIVE E É PERMANENTE”... “A PALAVRA do Senhor, porém, permanece eternamente”. 1Pe. 1:23,25.

Como o Dr. George Smith tem dito: AS ESCRITURAS, PELO SEU PRÓPRIO PESO... “ESMAGAM TODOS OS RIVAIS PARA FORA DA EXISTÊNCIA”. II PEDRO 1.20, 21

Conclusão

A Bíblia é o registro fiel da revelação Divina ao homem. Vemos através dela, “o Deus revelado revelando-se na Palavra revelada.” Seu tema é Cristo e Sua glória é como podemos conhecê-Lo (2Co 4.6; Jo 17.8).

A Bíblia serve como o meio mais inclusivo de todos os tipos de revelação especial, pois engloba o registro de muitos aspectos desta revelação. Embora Deus, indiscutivelmente, tenha dado outras visões, sonhos e mensagens proféticas não reveladas na Bíblia, não possuímos detalhes a respeito delas. Além disso, tudo o que sabemos a respeito da vida de Cristo aparece na Bíblia, mesmo que, obviamente, nem tudo o que ele fez e disse tenha sido registrado nas Escrituras (Jo 21.25). Cremos na suficiência das Escrituras Sagradas. Significa que as Escrituras contêm todas as palavras que Deus pretendeu que seu povo tivesse em cada estágio da história redentora, e que agora contemplam tudo o que precisamos que Deus nos diga para nossa salvação, para confiarmos nele plenamente e para que lhe obedecemos plenamente.

Em cada estágio da história da redenção, as coisas que Deus revelou foram para o seu povo para aquela época, e eles deviam estudá-las, crer nelas e obedecê-las. Conf. Dt 29.29

Deus tem falado claramente a todos os homens em todas as épocas, utilizando os mais diversificados métodos possíveis. Assim, Ele não deixou o homem sem testemunho divino (At 14.15-17). Deus foi imparcial, revelando-se a indivíduos, famílias, tribos, nações e ao mundo inteiro, para que todos fiquem “sem desculpa” – Rm 1.18-20; 3.19. A revelação de Deus, em particular aquela encontrada na Bíblia, se deu de maneira progressiva e continuada. Dessa forma, a revelação foi um processo e não um acontecimento, e faz parte do Seu plano para redimir a raça humana

Fontes das pesquisas.

Pastor José Domingos Bittencourt

Apostila de “introdução à Bíblia” do IBES Ler e Compreender a Bíblia – J.H

Alexander Introdução Bíblica – Norman Geisler e W.Nix

Conheça sua Bíblia – Júlio A. Ferreira Apontamentos de J.D. Bittencourt

[https://seminaristas.wordpress.com/2011/08/02/apostila-de-introducao-biblica/file:///C:/Documents%20and%20Settings/Usuario/Meus%20documentos/Download/Apostila%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%ADblica%20-%20IBC%202%20\(2\).pdf](https://seminaristas.wordpress.com/2011/08/02/apostila-de-introducao-biblica/file:///C:/Documents%20and%20Settings/Usuario/Meus%20documentos/Download/Apostila%20-%20Introdu%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%ADblica%20-%20IBC%202%20(2).pdf)